

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E CULTURA INDÍGENA

MARCONDY MAURÍCIO DE SOUZA¹; DANIELE DEMERTINE THOMASINI²

¹Universidade Federal de Pelotas – marcondy.mauricio@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – daniele.thomasini@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a pesquisa sobre Cultura Indígena e Formação de Professores que está sendo desenvolvida pelo Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular (GAPE), vinculado ao Programa de Educação Tutorial (PET), da Universidade Federal de Pelotas.

Ações em relação a Cultura Indígena já vinham sendo desenvolvidas no PET GAPE, principalmente dentro de escolas de Educação Básica e algumas palestras em outras instituições de ensino. Partindo destas diversas ações surge a ideia de ampliá-las acessando o ensino superior, já que, as questões relativas à história e a cultura indígena são pouco - ou não são - abordadas nos cursos de graduação que formam professores, desta forma, estes não tem aporte para trabalhar em sala de aula a temática, mesmo que por lei seja obrigatório o estudo sobre a História e Cultura Indígena: “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” (BRASIL, 2008).

Neste sentido, a História e Cultura Indígena, não sendo abordada nos cursos de formação de professores, faz com que o ensino da temática na Educação Básica siga sendo estudada de maneira rasa, pontual e muitas vezes, perpetuando estereótipos:

No caso de ensino de história e cultura indígena na educação básica, é preciso registrar a escassez de obras voltadas a tal finalidade, pouco diálogo entre a produção acadêmica e a produção escolar. Da mesma forma, há sensíveis diferenças entre o ensino de história indígena no âmbito da educação indígena e o ensino de história indígena em todos os níveis da educação básica. Nota-se, também, o vigor com que perduram datas cívicas como o 19 de abril na educação infantil, as quais perpetuam, ainda hoje, estereótipos e valores equivocados a respeito dos indígenas brasileiros e de sua história (PEREIRA, 2018, *apud* NOVAK e MENDES, 2020, p. 5)

Posto isto, a intenção do presente projeto é tentar modificar este cenário, assim um formulário de pesquisa foi construído e está sendo divulgado nas redes sociais para coletar respostas de professores(as) em formação e docentes que já atuam, em que a partir das narrativas, percepções e demandas, o projeto através do PET GAPE, construa uma formação gratuita para docentes e futuros docentes sobre Cultura Indígena e Práticas Pedagógicas.

2. METODOLOGIA

O presente projeto de pesquisa tem caráter qualitativo, em que informações, perspectivas e demandas no que tange a formação de docentes e a Cultura Indígena, estão sendo coletadas através de um questionário online na plataforma de Formulários Google .

O formulário de pesquisa contém perguntas em relação a informações pessoais, formação acadêmica, questões específicas sobre a Lei 11.645 de 2005 que tornou obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nas instituições de ensino fundamental e médio, e questões sobre práticas educativas que abordam a Cultura Indígena e possíveis desafios e barreiras que os docentes enfrentam para desenvolver essas práticas.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Aqui, é importante frisar que o formulário online está circulando para coleta de respostas, até o momento da escrita deste resumo o formulário teve 16 respostas, sendo 13 mulheres e 3 homens entre 19 e 57 anos, dois são docentes e os demais sujeitos em formação variam entre o 3º e 9º semestre, e destes 62% são do curso de Pedagogia e 38% de Licenciaturas Específicas, e das 16 pessoas que preencheram o formulário, 13 tiveram contato com a Cultura Indígena, contato vindo principalmente através de palestras, nenhum teve alguma disciplina sobre a temática e em geral estudaram esporadicamente de maneira rasa.

Posto isto, na questão “Ao longo da sua formação você aprendeu sobre Cultura Indígena? Se sim, o que?”, a maioria das respostas relata que não aprenderam nada sobre e se aprenderam foram temas superficiais e estereotipados, sem continuidade e aprofundamento, aqui cabe um fragmento de uma das respostas que resume em linhas gerais como a temática vem sendo trabalhada nas instituições de ensino:

No ensino fundamental aprendi o mais pejorativo, sobre o "dia do Índio", que os indígenas não eram povos civilizados e que andavam sem roupa. Só fui ter contato com uma perspectiva mais realista no último ano do ensino médio, mas foi o mais básico, que não se chama "Índio" e sim "indígena", que são povos que sofrem opressão (sem especificar o tipo) e que produzem muita herança cultural que carregamos, seja ela artística, social, cotidiana, etc (Banco de dados da pesquisa).

Temas primordiais, como por exemplo a demarcação das terras indígenas ou questões de identidade indígena nunca foram discutidos. Neste sentido, todas as respostas pontuam que a graduação não ajudou/ajuda e não dá aporte suficiente para posterior trabalho nas instituições de ensino sobre a História e Cultura Indígena. Aqui, se faz pertinente o dado coletado na pesquisa de que 23,1% dos indivíduos que responderam, não conhecem a Lei 11.645 de 2008 que torna obrigatório o estudo da História e Cultura Indígena, mesmo estando em vigor a mais de 15 anos.

Infere-se que, em razão da pesquisa ainda estar em andamento, estes resultados são parciais, mas já nos mostram que discussões mais aprofundadas sobre a História e Cultura Indígena são demandas reais e presentes no grupo de docentes e futuros docentes.

4. CONSIDERAÇÕES

Pensando no Brasil como um dos países com maior diversidade de povos indígenas do mundo, falante de mais de 150 línguas indígenas, a pesquisa traz considerações alarmantes no que tange a formação de docentes, em que

evidencia-se o quão defasado são os cursos de formação de professores em relação ao estudo da História e Cultura Indígena.

Os resultados parciais já evidenciam como a educação ainda segue o mesmo ciclo perpetuando preconceitos e estereótipos em relação aos povos indígenas. Podemos observar que até mesmo temas que geralmente estão em destaque nas mídias, como por exemplo a demarcação das terras indígenas, discussões sobre são ignoradas tanto pela educação básica quanto pela educação superior.

Os dados também nos mostram que a própria Lei 11.645, ainda não foi implementada de fato, pois muitos docentes formandos ou formados desconhecem a lei e não desenvolvem estudos efetivos sobre a História e Cultura Indígena nas escolas.

Estes e demais fatores prejudicam não só a inclusão social dos povos indígenas, mas também afetam a luta contra o racismo e o preconceito. A pesquisa traz uma noção mais palpável do quão defasada é a educação, já que a mesma não supre as demandas ou sequer cumpre a lei, e o estudo e discussão sobre História e Cultura Indígena sequer chega no ensino superior, afetando diretamente a formação dos docentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Seção 1, p. 1.

NOVAK, Éder da Silva; MENDES, Luís César Castrillon. **ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA NA ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR/HISTORIADOR.** Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico de História da Uece - Vol. VIII, Nº15, janeiro-junho de 2020.